



FABIANO COMO “BICHO HOMEM”: A linguagem e a construção de traços identitários do Nordeste.

Laís Santos Machado

lais_santosmachado@outlook.com

Orientador: Dr. André Alexandre Padilha Leitão

Andre.padilha@garanhuns.ifpe.edu.br

RESUMO

Este estudo visa analisar como Graciliano Ramos, na escrita de *Vidas Secas* contribuiu para a construção de traços identitários do sujeito do Nordeste no contexto da década de 30 através da linguagem utilizada pelo personagem Fabiano. Sendo esse também o objetivo do trabalho, para atingi-lo foi feita uma análise de como a linguagem é utilizada por Fabiano no referido livro, pela investigação da construção da identidade do Nordeste e pela apresentação de como Graciliano Ramos se situa no contexto do movimento literário da década de 1930. Trata-se de um estudo qualitativo de caráter bibliográfico que utiliza como aparato teórico a análise Dialógica do discurso de Bakhtin que traz uma visão mais interacional para o estudo. Tal abordagem implica que todo discurso é gerado através de inúmeros diálogos, sendo utilizada para relacionar os diálogos do contexto sociohistórico por trás da obra e como ela é interpelada por tais circunstâncias. A ampla compreensão dos fatores que interpelaram a obra, como seu diálogo com a conjuntura política, com histórico da região Nordeste, com a representação dos seus sujeitos foi possível relacionar a obra de *Vidas Secas*, a partir das falas de Fabiano, e os traços identitários dos sujeitos nordestinos. No decorrer do artigo, exploramos contribuições de autores de diversas áreas, incluindo a Linguística e a História, para entendermos os encadeamentos das relações presentes na obra.

Palavras-chave: Nordeste. *Vidas Secas*. Linguagem. Dialogismo

ABSTRACT

This study aims to analyze how Graciliano Ramos, in the writing of *Vidas Secas*, contributed to the construction of identity traits of the Northeastern subject in the context of the 1930s through the language used by the character Fabiano. This being also the objective of the work, to achieve it an analysis was made focusing on how language is used by Fabiano in the aforementioned book, by investigating the construction of the identity of the Northeast and by presenting how Graciliano Ramos is situated in the context of the literary movement from the 1930s. This is a qualitative study of bibliographic nature that uses as a theoretical apparatus Bakhtin's dialogic analysis of speech, which brings a more interactional vision to the study. Such an approach implies that all discourse is generated through countless dialogues, being used to relate the dialogues from the socio-historical context behind the work and how it is challenged by such circumstances. The broad understanding of the factors that challenged the work, such as its dialogue with the political situation, with the history of the Northeast region, with the representation of its subjects, made it possible to relate the work of *Vidas Secas*, based on Fabiano's speeches, and the identity traits of northeastern subjects. Throughout the article, we explore contributions from authors from different areas, including Linguistics and History, to understand the chains of relationships present in the work.

Keywords: Northeast, *Vidas Secas*, language, dialogism.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, o objeto de análise é o livro "Vidas Secas" (1938) de Graciliano Ramos, em que será investigada a linguagem utilizada pelo personagem Fabiano através da contextualização histórica e social da obra. A relação com o contexto feito aqui é com a construção da imagem do Nordeste que ocorreu na década de 1930, mesma década em que o romance foi publicado. Logo, a pesquisa elucida as relações de linguagem como elemento de grande importância para a atual imagem da sociedade patriarcal do Nordeste, esclarecendo, a partir do ponto de vista histórico do discurso regionalista de Gilberto Freyre durante a década de 1930, como tais relações se construíram e, também, associando todo esse contexto com a construção da imagem do Sujeito Nordestino, em que Graciliano Ramos, através de Fabiano, fará sua colaboração.

O estudo da linguagem para melhor compreendermos a construção da imagem do sujeito nordestino - que até hoje reverbera no imaginário social nacional - é de grande interesse. Ao viabilizar essa análise trazemos à tona que tal imagem veiculada dos indivíduos nordestinos não é algo "natural" mas, sim, fruto de um movimento da década de 1930, com um pretexto e um propósito já demarcados desde o início, e que abrangeu uma região territorial e culturalmente diversa.

A literatura teve um papel fundamental para a construção desta imagem do Nordeste e Graciliano Ramos, em particular, trouxe uma visão que se destaca dentre os demais autores da conhecida época do romance de 30 por destoar de uma imagem saudosista, comum entre alguns autores regionalistas da época.

Portanto, fazer tal análise da maior obra de Graciliano Ramos, Vidas Secas, com base no personagem Fabiano, torna-se de grande valia para a compreensão de todo o processo envolvido nessas relações. A análise será feita a partir da abordagem da análise dialógica do discurso do círculo de Bakhtin. Essa perspectiva traz para o estudo linguístico dinamismo da língua, aqui utilizada para situar a obra de Graciliano no emaranhado das relações sociais, históricas e ideológicas em que está inserida.

2 A CONSTRUÇÃO DO NORDESTE

O romance Vidas Secas foi escrito por Graciliano Ramos e publicado em 1938. A obra é composta por 14 capítulos que inicialmente surgiram como contos publicados entre os anos de 1933 e 1938 no jornal Correio da Manhã do Rio de Janeiro. O livro narra a história de uma família de retirantes que foge da seca do sertão nordestino em busca de melhores condições de vida. A família é composta pelo pai Fabiano, Sinhá Vitória - a mãe - o menino mais novo, o mais velho e baleia, a cachorra da família.

Antes de tratarmos sobre as questões linguísticas, as quais são objetos de estudo deste artigo, é importante trazermos, primeiramente, os contextos que permearam a criação da obra, já que são de grande importância para a compreensão da análise de linguagem. A análise dar-se-á por meio da análise dialógica do discurso, pois é entendido que o enunciado, segundo o conceito de dialogismo de Bakhtin, é um objeto discursivo, social e histórico (BARROS, 1999) e, portanto, é imprescindível investigar quais são as vozes sociais que rodeiam esse discurso. Aqui neste trabalho serão investigadas as vozes que rodeiam Graciliano Ramos e o contexto de produção ao qual estavam inseridos a obra e o autor. Todavia, é sempre importante evidenciar que o sujeito nunca está totalmente submisso às tais vozes, como orienta Fiorin (2018, p. 32):

A utopia bakhtiniana é que se pode resistir a todo processo centrípeto e centralizador. No dialogismo incessante, o ser humano encontra o espaço de sua liberdade e de seu inacabamento. Nunca ele é submetido completamente aos discursos sociais. A singularidade de cada pessoa no "simpósio universal" ocorre na "interação viva das vozes sociais". Nesse "simpósio universal", cada ser humano é social e individual.

O contexto que permeia a obra é o do espaço compreendido como define Milton Santos (1978, p. 153):

um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções.

Logo, o cenário em que se passa todo o romance e onde se configura o epicentro da narrativa é a região Nordeste. Portanto, iremos tratá-la como território, com questões culturais particulares e, conseqüentemente, a razão de seu protagonismo na referida obra.

Os territórios são margens impostas aos espaços que remontam a vários aspectos anteriores (e também posteriores que serão construídos durante o processo). Como afirmam Milton Santos e Maria Laura Silveira (2001, p. 20), “O território, visto como unidade e diversidade, é uma questão central da história humana e de cada país e constitui o pano de fundo do estudo das suas diversas etapas e do momento atual”. Nesse sentido, o Nordeste, como qualquer outro território, também vivencia essas questões em sua construção.

Portanto, a visão de que fronteiras, demarcações, regiões são ingenuamente características naturais de um território, deve ser aqui repensada. As forças políticas dominantes neste ponto são fatores decisivos com grande poder para suas respectivas criações, como Albuquerque Jr. (2009, p. 25) nos afirma:

[...] ela (região) remete a uma visão estratégica do espaço, ao seu esquadrinhamento, ao seu recorte e à sua análise, que produz saber. Ela é uma noção que nos envia a um espaço sob domínio, comandado. Ela remete, em última instância, a *regio* (rei). Ela nos põe diante de uma política de saber, de um recorte espacial das relações de poder.

2.1 Geografia e Política: abandonos

O território Nordeste não existia até meados do século XX. Por questões climáticas e políticas surgirá a separação desta região das demais. Até então, tudo acima das regiões Sul/Sudeste era nomeado como Norte¹, não havendo, por conseguinte, a cultura nordestina. Tal recorte foi fruto de órgãos criados para tratar da questão das secas que assolavam uma região específica do Norte, o que demandava a implantação de políticas para amenizar os efeitos das estiagens. Mas neste ponto, essa diferenciação entre “Norte” e “Nordeste” ainda ocorria somente em limites geográficos e, apenas mais à frente, essa separação transcenderá questões territoriais para atingir o campo cultural e social. Com base na necessidade de se delimitar uma região para tratar a questão da seca, Albuquerque Jr. (2009, p. 80), argumentará que o Nordeste, de certo modo, é fruto da seca:

Neste discurso institucional, o Nordeste surge como a parte do Norte sujeita às estiagens e, por esta razão, merecedora de especial atenção do poder público federal. O Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio colocá-la como o problema mais importante desta área. Estes discursos, bem com todas as práticas que este fenômeno suscita, paulatinamente instituem-no como um recorte espacial específico, no país.

2.2 Discursos sobre a invenção do Nordeste

¹ Essa questão de até pouco tempo não haver uma demarcação entre o Norte e o Nordeste, influencia a visão estereotipada dos habitantes das regiões, que acima do Centro-Oeste e Sudeste, tudo ser Norte, que se mantém até hoje, em falas discriminatórias.

O que acirrou o atrito entre as regiões Sudeste e Nordeste foi a decadência da econômica agrária açucareira. Esse declínio, que abarcou as oligarquias nordestinas, teve como uma das grandes causas o barateamento do açúcar das Antilhas e as secas que assolavam a região. Em contraposição ao que ocorria com o açúcar, no Sudeste acontecia a ascensão do café como motor da economia brasileira no século XIX. Todo este cenário teve como consequência a centralização de políticas em torno de São Paulo, o que fomentou uma modernização econômica mais rápida desta região fazendo com que o eixo Sudeste-Sul se tornasse região de destaque dentro das decisões políticas e econômicas:

A exclusão das províncias do Norte do Congresso Agrícola, realizado no Rio de Janeiro, em 1878, talvez seja o primeiro momento em que os discursos dos representantes das oligarquias desta área tematizam a diferença de tratamento e de situação econômica e política entre "Norte" e "Sul". A crise na produção açucareira, a seca e a venda de grande número de escravos para o "Sul" tornam o Congresso Agrícola de Recife, organizado como exposta ao anterior, um fórum de duras críticas à atuação discriminatória do Estado Imperial em relação a este espaço no que tangia a investimentos, política fiscal, construção de obras públicas e política de mão de obra. (ALBUQUERQUE JR. 2008, p. 84)

Dado este cenário, políticos e intelectuais nordestinos enxergavam a necessidade de criação de um discurso regionalista forte para se destacar contra as demais regiões. Assim, estes criaram um movimento com o fim de moldar o que viria a ser o Nordeste. Segundo tais intelectuais, a tradição estava ameaçada com a modernidade que avançava principalmente nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro e, essa quebra de tradição seria um dos motivos para a derrocada do Nordeste. Neste movimento, damos destaque a Gilberto Freyre, intelectual de extrema importância nessa discussão e que escrevia para o jornal *Diário de Pernambuco*, para a elaboração do que era/é a imagem do Nordeste.

Portanto, é a busca de uma identidade regional, pautada na tradição e em revoltas que ocorreram no Nordeste. Tais intelectuais buscavam conservar o modo de vida tradicional, como o patriarcado, os modos de produção, como uma resposta às mudanças no campo político e econômico, em que, ao olhar deles, detinham a culpa pela situação da região, como afirma Albuquerque Júnior (2009, p. 90):

O medo de não ter espaços em uma nova ordem, de perder a memória individual e coletiva, de ver seu mundo se esvaír, é que leva à ênfase na tradição na construção deste Nordeste. Essa tradição procura ser uma baliza que oriente a atuação dos homens numa sociedade em transformação e impeça o máximo possível a descontinuidade histórica. Ao optar pela tradição, pela defesa de um passado em crise, este discurso regionalista nordestino fez a opção pela miséria, pela paralisia, mantendo parte dos privilégios dos grupos ligados ao latifúndio tradicional, à custa de um processo de retardamento da maior parte de seu espaço, seja em que aspectos nos detenhamos.

Houve então, a criação do movimento Regionalista e Tradicionalista, que tinha ligação direta e era inspirado nas ideias de Gilberto Freyre com o objetivo de preservar as tradições e cultura nordestina. Este movimento era composto por intelectuais da política regional e nacional e, também, em sua maioria, de artistas de diversas áreas, como a literatura, por exemplo. Isto inicia o que Albuquerque Jr. (2009, p. 101), chamará de "regionalismo freyreano":

O regionalismo freyreano era um regionalismo de novo tipo, fruto da reorganização dos saberes, operada pela emergência da formação discursiva nacional-popular. Seu regionalismo não é mera justificativa ideológica de um lugar social ameaçado, e sim uma nova forma de ver, de conhecer e de dizer a realidade, só possível com a emergência da nação como o grande problema a ser respondido.

Em busca de uma "essência" do Nordeste, a região será vista como "espaço da saudade", como defende Albuquerque Jr., em seu livro "A invenção do Nordeste e outras artes" (ALBUQUERQUE JR., 2009). A partir de então, começa-se a ver o

Nordeste como uma região que anteriormente gozava de um triunfo econômico político e que, com a modernidade, a “boa” realidade foi derrubada e apagada. O que então sobrou foi a memória de “bons tempos”, resgatados por escritores, como Rachel de Queiroz e José de Lins Rego. Inicia-se, dessa forma, a se desenhar uma região com traços fortes de tradicionalismo, e de saudade, como defende Albuquerque Jr. (2009, p. 80):

Ele é uma nova região nascida de um novo tipo de regionalismo, embora assentada no discurso da tradição e numa posição nostálgica em relação ao passado. O Nordeste nasce de uma construção de uma totalidade político-cultural como reação à sensação de perda de espaços econômicos e políticos por parte dos produtores tradicionais de açúcar e algodão, dos comerciantes e intelectuais a eles ligados. Lança-se mãos de *topos*, de símbolos, de tipos, de fatos para construir um todo que reagisse à ameaça de dissolução, numa totalidade maior, agora não dominada por eles: a nação.

Como citado acima, um dos elementos que será utilizado abundantemente pelos intelectuais como uma forma de consolidar o discurso regionalista do Nordeste será a literatura, através do movimento literário de 1930. Portanto, a literatura fará parte do processo de invenção da região, expressando no uso da linguagem artístico-literária diversos aspectos que moldaram, no imaginário coletivo, a visão imagético-discursiva de Nordeste. Tal visão sempre se porá contra o processo de modernização e terá como fatores principais a serem tratados pelos autores a seca e a fome (Como *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *O quinze* de Rachel de Queiroz), o beatismo (como em *Os Sertões* de Euclides da Cunha), a decadência da sociedade patriarcal açucareira (como em José do Lins do Rego), os problemas sociais, o cangaço e o tradicionalismo, frutos do processo regionalista freyreano, como Albuquerque Jr. destaca (2009, p. 137):

Esses temas folclóricos, tradicionais, foram resgatados para participarem de uma estratégia política de denúncia das condições regionais. Estratégia de trazer à tona suas misérias e tudo aquilo que podia servir de indício de descontentamento com a nova sociedade que se instaurava. Além de impressionarem, de chamarem a atenção dos leitores de classe média e das grandes cidades, esses temas permitiam calcar a própria ideia de Nordeste no polo oposto da modernização capitalista

2.1.1 Movimentos: Literatura, engajamento

O movimento literário do final da década de 1930 será um movimento que buscará, em meio a um contexto político e social agitado, uma identidade genuinamente brasileira dentro da literatura. Os líderes de tal movimento literário enxergaram a necessidade da legitimação de uma arte que saia da sombra de elementos vindos do exterior, e que se voltasse para o Brasil e seu povo. Arte esta determinada a expor as condições da população Brasileira, sua cultura, seus trejeitos e mazelas, e, principalmente, será uma literatura engajada politicamente em expor as circunstâncias as quais a população brasileira vivia, como Camargo (2001, p. 14) afirma: “[a]final, os anos 30 são a época do romance social, de cunho naturalista preocupado em representar, quase sem intermediação, aspectos da sociedade brasileira na forma e narrativas que beiram a reportagem ou o estudo sociológico.”

Outra nomeação para a corrente literária deste decênio será a “literatura regionalista” e nela destaca-se a produção literária da região nordeste e suas particularidades, em que mesmo com as diferenças estilísticas entre os romancistas destas regiões, esse “modelo” de Romance tem como aspecto geral o tratamento das disfunções sociais e econômicas da região, dando um grande destaque para a região e o discurso regionalista que ainda estava em construção, conforme Albuquerque Jr. (2009, p. 123):

O final da década de vinte e, principalmente, a década de trinta marcam a transformação da literatura regionalista em "literatura nacional". A emergência da análise sociológica do homem brasileiro, como uma necessidade urgente, colocada pela formação discursiva² nacional-popular, dá ao romance nordestino o estatuto de uma literatura preocupada com a nação e com o seu povo, mestiço, pobre, inculto e primitivo em suas manifestações sociais. A literatura passa a ser vista como destinada a oferecer sentido às várias realidades do país; a desvendar a essência do Brasil real.

Aqui, haverá destaque para a literatura tradicionalista, que terá como os principais nomes José Lins do Rego, José Américo e Rachel de Queiroz, que buscarão ressaltar em sua escrita, o Nordeste "espaço da saudade", já explanado anteriormente. O enfoque no momento será de como, através da literatura, tal exaltação ao passado desta região era representado pelos escritores desta linha tradicional.

O Nordeste elencado por tais autores se distingue em dois momentos: o Nordeste do Passado, do latifúndio açucareiro, fantasiado pelas lembranças das infâncias em que parte destes escritores - filhos de latifundiários - obtêm fortemente em suas memórias e as transcrevem em seus escritos. E um Nordeste atual, que se vê em uma situação de angústia, assolado pela seca e pelo abandono político do governo Federal, violência que inclusive foi acentuada pelo processo de modernização das relações sociais que sobrepujava o modelo patriarcal antes presente. Este Nordeste atual nos romances é perfeitamente, ao nosso ver, descrito por Albuquerque Jr. (2009, p. 139):

O Nordeste do fogo, da vegetação agressiva, espinhosa, onde só o mandacaru, o juazeiro e o papagaio são verdes. Nordeste das cobras, da luz que cega, da poeira, da terra gretada, das ossadas de boi espalhadas pelo chão, dos urubus, da loucura, da prostituição, dos retirantes puxando jumentos, das mulheres com trouxas na cabeça trazendo pela mão meninos magros e barrigudos. Nordeste da despedida dolorosa da terra, de seus animais de estimação, da antropofagia. Nordeste da miséria, da fome, da sede, da fuga para a detestada zona da cana ou para o Sul. Nordeste da polaridade seca/inverno, borralho camburante/paraíso florido, cheio de alegrias, sons e cores; do preto e do verde que se sucedem em ciclos. Nordeste do tempo circular da natureza, região cuja história parece ser um moto-contínuo.

Apesar destas circunstâncias difíceis que o Nordeste vivencia, ele ainda se torna a melhor região para viver, segundo a visão destes escritores, por ainda resistir ao processo de modernização aos quais o Sudeste passa, por manter os valores tradicionais diante das mudanças trazidas pela modernidade. O enaltecimento do passado não poupa elogios às várias relações sociais que eram presentes no auge da produção açucareira, dentre tais relações, havendo como principais personagens, o patriarca: no topo da hierarquia que ditava as ordens aos seus inferiores e, ao mesmo tempo que regia, protegia seus homens e escravos. Portanto, o avanço da modernização, que trouxe consigo o fim do trabalho escravo, que se sobrepôs ao trabalho assalariado, não trouxe só mazelas aos senhores de engenho, mas também aos escravos. Visão um tanto errônea (e até mesmo fantasiosa), mas veemente defendida por aqueles filhos de donos de engenhos, que cresceram cercados de escravos ao seu dispor:

Estes romances formadores, ainda hoje, da subjetividade das pessoas com acesso à literatura tendem a formar uma visão lírica da escravidão, ocultando o seu aspecto cruento, reconciliando o presente com este passado vergonhoso do país e da região. Eles tendem a enfatizar o caráter arbitrário do mundo burguês, a exploração do assalariamento, em nome da valorização dessa sociedade patriarcal e escravista. Assim

² Acerca do conceito de formação discursiva acima elencado por Durval, é um conceito desenvolvido por Michel Foucault, em sua obra "A arqueologia do Saber" (1969), que faz parte da análise do poder e da teoria do discurso. Este conceito se refere a um sistema de normas que moldam a criação e circulação de discursos em determinada sociedade, e estão intimamente ligadas às relações de poder.

esses romances ajudam a formar subjetividades antimoderna e anticapitalistas. Veem esta sociedade como fim de todos os territórios-refúgio, territórios sagrados, puros de todas as ilhas da humanidade. o Nordeste seria este território a ser preservado contra o torvelinho das metrópoles, contra as máquinas. (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 141)

Portanto, será este Nordeste estritamente postulado como o “espaço da saudade”, em que a visão dos romancistas será de um lugar em que tudo funcionava exatamente pelo sistema fortemente hierárquico que era a sociedade patriarcal então em voga. Esse sistema patriarcal auxiliará na formação de um imaginário contrário a modernização, legitimando o Nordeste como a região que é e deverá sempre se postular como a resistência dos valores antimodernos, responsáveis pela sua decadência econômica e política.

Dentro do movimento dos romances de 30, como ocorre em qualquer movimento, há uma heterogeneidade de ideias e princípios, ainda mais em um momento de um agitado cenário político, em que havia diversos movimentos e projetos ideológicos que buscavam sua legitimidade dentro da sociedade brasileira. Dentre estes, incluem-se movimentos autoritários, que tiveram uma grande adesão da sociedade nos anos de 1930, como afirma o historiador Boris Fausto (2006, p. 357):

A dificuldade de organização das classes, da formação de associações representativas e de partidos fez das soluções autoritárias uma atração constante. Isso ocorria não só entre os conservadores convictos como entre os liberais e a esquerda. Esta tendia a associar o liberalismo com o domínio das oligarquias; a partir daí, não dava muito valor à chamada democracia formal..

Portanto, diante deste cenário de diversidade de vozes e movimentos sociais, a imposição de uma visão nova da sociedade brasileira, a literatura terá um importante papel para situar as vozes regionais, ainda mais durante o processo de criação da imagem do Nordeste, em um processo que Albuquerque Jr. (2009, p. 235) intitula como “reterritorialização”. Este processo remonta a necessidade da construção da imagem do Nordeste de modo a diferencia-lá das demais regiões, sendo, além da territorialização, uma remarcação das diferenças entre o sul e o Nordeste:

O romance, na década de trinta, participa do grande esforço de reterritorialização de uma sociedade em crise, em transição entre novas e velhas sociabilidades e sensibilidades. Esta identidade estará ligada diretamente aos objetivos estratégicos e políticos que dirigem a produção literária.

Autores como Graciliano Ramos e Jorge Amado se diferenciarão dos demais que, como dissemos, buscavam a reterritorialização do Nordeste como um lugar de um passado glorioso. Graciliano e Jorge Amado trarão a visão de um Nordeste cru, miserável, seco, e isso ocorre pela visão social e política dos dois autores, que buscavam revelar a região não como um ponto glorioso, mas sim um ponto em que o capitalismo não trouxe triunfo algum e, também como uma demonstração do descaso da região. Esta visão deveria ser compreendida pelos leitores como a urgência de uma revolução social. Graciliano Ramos não descreve em suas obras uma militância socialista tal como Jorge Amado fez, com seu “realismo socialista”, mas, sim, com seu “realismo crítico”, como aponta Albuquerque Jr. (2009).

O viés político de Graciliano Ramos, sendo um comunista intelectual, filiado ao PCB (Partido Comunista Brasileiro) explica a diferente visão que ele teve diante dos demais autores, buscando revelar um Nordeste diferente com diversas questões problemáticas em variados âmbitos, da seca, da fome, da luta de classe sangrenta entre a elite e o povo que é explorado, como Durval Muniz Albuquerque Jr. (2009, p. 237) aponta: “Um Nordeste que

espanta e não encanta, cujos quadros são de miséria, de lutas e de coragem de um povo pobre e explorado.”

3 VIDAS SECAS: A OBRA E SEU CONTEXTO DE PRODUÇÃO

A obra de Vidas Secas é a que mais obteve destaque entre as obras de Graciliano Ramos por mostrar o Nordeste rural de forma crua. A linguagem de Graciliano Ramos em Vidas Secas é direta, com uso de técnicas que potencializam não só os personagens, mas o cenário em que estes estão inseridos. A forma, ao mesmo tempo discreta e cortante, de retratar os personagens e suas particularidades, revela a visão de Graciliano sobre o povo que sofre as mazelas do sertão nordestino. Dentre os aspectos estilísticos da obra, o uso da linguagem é o ponto em que a engenhosidade de Graciliano fica expressa, tornando-se o objeto de estudo do trabalho, pois é através dela que Graciliano aborda as problemáticas da região:

Para Graciliano, o mundo novo se faria pelo reencontro entre palavras e coisas, pelo fim da astúcia da linguagem, pela claridade plena do mundo diante do olhar, pelo reencontro do homem com a verdade total do mundo e de si mesmo. Ele chama atenção para o perigo da fala, para a dialética entre grito e silêncio, que remete à dadas relações de poder e dominação. Ele alerta para a operação de expropriação da palavra do oprimido, como mecanismo de perpetuação de uma dominação, como operação de desumanização, pois a linguagem definiria e singularizaria o humano. Assim, o homem sem direito palavra se tornava um animal. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 124)

É por tais características que Vidas Secas além de ser a obra de maior destaque de Graciliano Ramos, é também um dos grandes marcos da literatura nacional e uma das principais do século XX na literatura brasileira. A forte crítica social contida no livro, trazendo uma visão da pobreza e do desamparo social no Nordeste através de uma linguagem simples fez com que o livro, até hoje, fosse fonte de estudos em diversas áreas. Vidas Secas foi escrita em um contexto histórico perturbado no âmbito político nacional em função da política do café com leite (alternância de poder político entre São Paulo e Minas Gerais). E no contexto regional ocorria a invenção discursiva do Nordeste, já neste trabalho exposta. Vidas Secas, portanto, fornece uma grande contribuição nesse contexto por ser uma obra de enorme alcance, expondo as violências e omissões sofridas pelos sujeitos nordestinos aos leitores de todo o Brasil, inclusive para intelectuais das demais regiões:

Queria fazer conhecida a realidade do país, da qual estavam tão distantes os intelectuais mais preocupados com a Europa, e esta que não estava preocupando um governo distante das pessoas, uma entidade abstrata, incapaz de aparecer efetivamente na vida dos cidadãos, entregues à sanha dos chefetes provincianos. Ele não quer fazer de seus livros veículos de teses políticas, porque desconfia dos discursos, suspeita da linguagem, inclusive da esquerda, por isso seu estilo é tenso, pudico, sem tagarelice.. (ALBUQUERQUE JR, 2009, p.268)

Dentre os personagens de Vidas Secas, Fabiano é o que Graciliano Ramos mais utiliza para evidenciar a questão da linguagem. O personagem central do romance é um sertanejo, pai de família que se comunica com poucas palavras e grunhidos e, por não saber se expressar, não consegue se estabelecer como homem, comparando-se muitas vezes como bicho, inclusive, sentindo-se mais à vontade no meio dos bichos do que com pessoas:

- Você é um bicho, Baleia.

Vivia longe dos homens, só se dava bem com os animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. Falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. (RAMOS, 2004, p.18)

Seu pouco desenvolvimento de comunicação com o outro ocorre pela sua condição social. Vivendo no sertão, como um nômade, fugindo da estiagem, não teve acesso às condições básicas de desenvolvimento social como moradia, alimentação e, muito menos, educação escolar. Graciliano Ramos ao escrever sobre Fabiano e os aspectos que o destacam, não só o faz de modo a destacar sua passividade, mas também como um retrato do que viu durante sua vida no sertão alagoano. Ele cria o personagem de modo ativo para revelar, de forma perspicaz, os problemas sociais através da linguagem. Ele cria um personagem tão miserável que mal se comunica. Fabiano é o holofote de Graciliano Ramos para revelar o Nordeste real de vários sertanejos, sendo esse um dos aspectos de um romance dialógico, como Bahktin (1997, p. 20) afirma sobre a criação do herói:

O herói não é o único que se separa do processo de que emana, o autor faz o mesmo. E por esta razão que cumpre destacar a produtividade, enquanto tal, da atividade criadora e da reação global ao herói: um autor não é depositário de uma vivência anterior, e sua reação global não decorre de um sentimento passivo ou uma percepção receptiva; o autor é a única fonte da energia produtora das formas a qual não é dada à consciência psicologizada, mas se estabiliza em um produto cultural significante; [...].

Portanto, a criação de Fabiano é resultado de uma reação global que envolve a vivência e o aspecto criativo e produtor de Graciliano Ramos. A partir desse ponto do trabalho, analisaremos como a linguagem de Fabiano se correlaciona com o Nordeste particular que Graciliano Ramos queria denunciar, em específico, o modo como os sujeitos desta região, na década de 1930, viviam.

A linguagem dos personagens de *Vidas Secas* contém um papel importante, como já mencionado anteriormente, pois é através dela que vemos as relações sociais do Nordeste em construção. A incapacidade de falar, de se expressar é aqui o divisor entre os que mandam e os que obedecem, entre os homens e os bichos. A (des)humanização ocorre especificamente por meio da linguagem. Em *Vidas Secas*, o silêncio, a balbúciação são formas de um grito. Através de tais dificuldades de expressão comunicativa é que se escancaram as desigualdades e as negações que Fabiano vive. A forma rudimentar de comunicação, grosseira e elementar de Fabiano é o grito de vários marginalizados, de explorados, de pobres, de analfabetos. É a sua forma de (não)enunciar que denuncia um contexto de esquecimento de tudo e de todos, inclusive daqueles intelectuais que se intitulam como defensores do povo Nordestino. No capítulo “Fabiano”, o autor apresenta a relação da personagem com a linguagem:

[à]s vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade, falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (RAMOS, 2004, p. 20)

Fabiano é descrito como um ser ignorante que não entendia as perguntas e curiosidades dos filhos. Por outro lado, tinha um fascínio com Seu Tomás da Bolandeira, seu antigo patrão. Tomás é descrito no livro como um homem culto, que vivia ao redor de livros e com extenso e complexo vocabulário. A admiração por seu Tomás da Bolandeira era em grande parte, por ser um patrão que inspirava respeito e ao mesmo tempo gerava uma inquietação por parte de Fabiano. Em suas palavras: “Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês” (RAMOS, 2004, p. 22). Seu Tomás da Bolandeira dominava a linguagem e com ela exercia sua autoridade, ainda que de forma cortês, diferente dos demais homens com poder. Logo, Seu Tomás será a representação do homem intelectual que exerce seu poder de dominação e exploração sob Fabiano, pois apesar de Seu Tomás se diferenciar dos demais padrões de Fabiano, ele ainda, socialmente, pertence a outra parte da

sociedade, que utiliza da mão de obra barata de Fabiano, mesmo que de forma amistosa, o que cria em Fabiano uma certa estima. Essa consideração de Fabiano por Seu Tomás da Bolandeira é representada através da tentativa de Fabiano de querer repetir certas palavras que seu Tomás pronunciava: “Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo” (RAMOS, 2004, p. 22).

Antônio Candido (2009), em ensaio intitulado “A Personagem do romance”, trata sobre o paradoxo da criação de um personagem. Segundo ele, o personagem é um ser e é fictício, ou seja, ao mesmo tempo que ele é algo, este algo é fictício. O personagem é algo através da ficção, ficção essa baseada na realidade. Isso nos possibilita entender a verossimilhança dos personagens, tanto de Fabiano como de Seu Tomás da Bolandeira. Ambos são decorrência do processo criativo do autor que se apoiou em fragmentos da realidade para a criação de seus personagens, no caso de Fabiano, de pessoas em situações de vulnerabilidade, e de pessoas com determinados privilégios que ocupam uma posição social diferenciada, como seu Tomás da Bolandeira. Diante disso, vemos como o processo criativo do personagem é complexa por incorporar diversas faces para a caracterização dos personagens, relacionando a realidade - questões como espaço, posições sociais – como o intuito criativo do autor e sua pretensão:

A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com a perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os compararmos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo-de-ser das pessoas. (CANDIDO, 2009, p. 56)

Voltando ao contexto de Vidas Secas, Fabiano e Seu Tomás da Bolandeira podem estar inseridos dentro do processo de definição do homem nordestino – pelo viés de Graciliano Ramos – o primeiro como o retrato do Sertanejo e o segundo como o burguês intelectual e cortês por este estar socialmente acima de Fabiano e, por isso, desfrutar dos privilégios de sua posição social em detrimento situação precária de Fabiano. Ambos estão em ruínas pela devastação do Nordeste de Graciliano. A sabedoria dos livros não foi suficiente para conter os avanços do tormento da seca:

Lembrou-se de seu Tomás da Bolandeira. Dos homens do sertão o mais arrasado era seu Tomás da Bolandeira. Por quê só se era porque lia demais. Ele, Fabiano, muitas vezes dissera: — “Seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros.” Pois viera a seca, e o pobre do velho, tão bom e tão lido, perdera tudo, andava por aí, mole. Talvez já tivesse dado o couro às varas, que pessoa como ele não podia aguentar verão puxado. (RAMOS, 2004, p. 22)

Porém, é claro que Fabiano e sua família padecem ainda mais nessa situação. Sua miséria se amplia de forma ainda mais intensa sobre aqueles silenciados pela sociedade cuja palavra lhe foi negada, refletindo todas as condições mínimas que também lhe foram negadas, como Albuquerque Junior (2009, p. 257) diz:

O camponês nordestino é visto por Graciliano como um ser silenciado, sem linguagem, quase apenas grunhindo como animal. É visto como símbolo do estágio mais avançado de submissão e de alienação. Este silêncio é visto por ele como uma imposição. Graciliano perde a dimensão estratégica do silêncio. Para ele, o não-falar é apenas falta de saber e não uma sabedoria. Em suas obras, este déficit discursivo do "nordestino" será visto como mais um índice de sua situação geral de carência: a carência de meios de expressão verbal que é ligada diretamente à sua carência econômica e de poder.

No romance, a falta de voz animaliza Fabiano que, repetidas vezes, se compara com um bicho. Outro fator que evidencia a desumanização de outros personagens é a

falta de nomes para as crianças. Enquanto os filhos de Fabiano e Sinhá Vitória não têm um nome, sendo diferenciados por idade e chamados de "O menino mais Velho" e "O menino mais Novo", a cachorra da família, em contrapartida, leva o nome de Baleia. Além do nome que a distingue e a particulariza, Baleia tem uma grande contribuição ao romance, comparando-se aos demais humanos da obra. Isso se evidencia com um capítulo na obra para ela. Além disso, em diversos trechos do romance é explícita a forma humanizada que Graciliano retrata Baleia. Fica evidente a personificação, por exemplo, no trecho: "Baleia cochilava, de quando em quando balançava a cabeça e franzia o focinho. A cidade se enchera de suores que a desconcertava" (Ramos, 2004, p. 84). Logo, vemos como a questão do ser homem/ser bicho é relativizada em Graciliano Ramos. O homem sertanejo e seus filhos são tão miseráveis que a palavra ao primeiro é negada, e aos segundos, os nomes se reduzem e se assemelham à condição de um animal.

Um dos capítulos que mais explicita as consequências sociais da falta de habilidade de comunicação de Fabiano é intitulado como "O soldado Amarelo". Neste capítulo, Fabiano é preso injustamente, após uma confusão em um jogo de baralho na cidade com um soldado, descrito como soldado amarelo (em razão da cor de seu uniforme). A falta de imposição social por não saber se comunicar adequadamente fica evidente desde o momento do convite do Soldado para Fabiano jogar. Fabiano se vê como um ser inferior diante do Soldado Amarelo, e tenta contornar tal situação, empenhando-se em reproduzir, de forma desordenada as palavras que ouvia de Seu Tomás da Bolandeira, um artifício que utiliza para tentar se comunicar:

[...] Fabiano foi sentar-se na calçada, resolvido a conversar. O vocabulário dele era pequeno, mas em horas de comunicabilidade enriquecia-se com algumas expressões de Seu Tomás da bolandeira. [...]. Nesse ponto um soldado amarelo aproximou-se e bateu familiarmente no ombro de Fabiano: - Como é, camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro?

Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de Seu Tomás da bolandeira:

- Isto é, Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme.
(RAMOS, 2004, p. 27)

Ao fazermos a associação com o contexto em que o romance estava sendo escrito, é possível inferir que Graciliano Ramos retrata através do Soldado Amarelo o Estado que não se faz presente através de políticas públicas para a população do NE, mas o faz através da violência, da repressão negando os direitos desta mesma população. Fabiano aqui sofreu uma represália exatamente por uma ação – ou falta de ação – do Estado, que lhe negligenciou o básico e depois ainda o repreendeu e o humilhou.

No capítulo "O Soldado Amarelo" Fabiano encontra-se novamente com o Soldado Amarelo, mas em um outro contexto e lugar. O encontro ocorre agora na caatinga e, ao contrário do que ocorreu na cidade, Fabiano agora detinha a vantagem. Ali era o lugar de Fabiano, era ali que ele vivia e sentia-se bem. O forasteiro agora era o Soldado Amarelo e Fabiano tinha a oportunidade de se vingar do que passou na cidade: "Medo daquilo? Nunca vira uma pessoa tremer assim. Cachorro. Ele não era dunga na cidade? Não pisava os pés dos matutos na feira? Não botava gente na cadeia? Sem-vergonha, mofino" (Ramos, 2004, p. 101).

O capítulo continua com Fabiano frente a frente com o Soldado e suas diversas emoções do que devia ou não fazer, passando primeiramente pelo medo, depois pela cólera, pela oportunidade de se vingar, até recobrar sua consciência e então desistir do feito, enquanto o Soldado, que ao longo do caminho via-se em perigo e temia pela vida, viu na desistência de Fabiano, incentivo para retomar sua coragem. Ao fim do capítulo, as figuras retornam à sua posição social inicial: Fabiano como retraído, oprimido em sua posição inicial, e o Soldado Amarelo retomando sua autoridade. Segundo Fabiano, apesar das circunstâncias naquele capítulo que lhe dariam vantagens "Governo é governo", ou seja, deve ser respeitado:

Vacilou e coçou a testa. Havia muitos bichinhos assim, ruins, havia um horror de bichinhos assim fracos e ruins.

Afastou-se, inquieto. Vendo-o acanhalado e ordeiro, o soldado ganhou coragem, avançou e pisou firme, perguntou o caminho. E Fabiano tirou o chapéu de couro.

-Governo é governo.

Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo. (RAMOS, 2004, p. 107)

3.1 A linguagem

Aqui observamos como a linguagem é o principal recurso de Graciliano Ramos para evidenciar as desigualdades sociais presentes no sertão nordestino. E é o personagem de Fabiano, isto é, o seu discurso na obra, o aspecto mais explorado pelo autor para a construção de traços identitários do Nordeste diferentes do saudosismo inicialmente observado pelo movimento dos latifundiários (VER SEÇÃO 2). No personagem de Fabiano, a linguagem se particulariza pela falta de competência comunicativa em suas interações sociais. Como já observado, a linguagem de Fabiano é escassa, caracterizando-se por grunhidos e exclamações ao mesmo tempo em que o uso das palavras como as ouvidas pelos habitantes da cidade eram consideradas por ele como difíceis - como no exemplo tratado anteriormente, com seu Tomás da bolandeira em que, na tentativa de imitar o seu patrão, o faz de forma desajeitada e desarticulada. Essa dificuldade de se expressar, de se comunicar com os demais seria um reflexo que Graciliano atrelou à imagem do povo do Nordeste. Por estarem em uma situação marginalizada social, econômica e politicamente, em que o Estado é o principal responsável, o personagem (o povo) acaba perdendo sua fala, culminando assim em sua exclusão social. Isto porque, conforme Bakhtin, a língua é fruto do diálogo cotidiano, em suas diversas formas, sendo uma atividade social, de constantes mudanças:

Segundo Bakhtin, a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face, que é apenas uma forma composicional, em que elas ocorrem. Ao contrário, todos os enunciados no processo de comunicação independentemente de sua dimensão, são dialógicos. (FIORIN, 2018, p. 22)

Logo, a linguagem para Bakhtin é resultado de um processo dialógico em constante evolução que contém e apresenta uma natureza ideológica. Com base nisso, foi através dos estudos do Círculo de Bakhtin que o termo Análise Dialógica do Discurso foi adotado nos atuais estudos, um procedimento teórico-metodológico que foca no aspecto dialógico da linguagem. Bakhtin em "Problemas da Poética de Dostoiévski" (2007) afirma que os estudos das obras desse autor russo transcendem os estudos linguísticos tradicionais, trabalhando no campo vivo da linguagem, na metalinguagem:

Intitulamos este capítulo "O discurso em Dostoiévski" porque temos em vista o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para os nossos fins. Por este motivo as nossas análises subsequentes não são linguísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalinguística [...]. (BAKHTIN, 2007, p. 256)

O dialogismo em *Vidas Secas* se revela não somente por todo o contexto diverso da obra aqui discutido, mas também por ser construído a partir da voz de todos os personagens do romance. Essas vozes expõem todas as críticas sociais e particularidades não só da região, mas também das relações entre os personagens

que a todo momento dialogam com a conjuntura sociopolítica e econômica em que estão inseridos. O estudo da linguagem no romance nos ajuda a compreender mais a fundo toda complexidade da obra, pois ao observarmos a construção da linguagem dos personagens, proposta por Graciliano Ramos, conseguimos relacioná-la aos demais aspectos presentes nos discursos dos personagens. Tais discursos são os componentes do próprio texto e possibilitam a compreensão de aspectos intrínsecos do texto. Aspectos esses que em uma primeira leitura, podem não ser entendidos em seu todo, já que o ato da leitura é uma construção das pretensões do autor e da própria bagagem do leitor, como Jouve (2012, p. 61) afirma “O sentido de um texto é sempre, portanto, o resultado da seleção - mais ou menos consciente - operada por uma leitura.”

Elementos da linguagem dos personagens – principalmente de Fabiano - ajudam no aprofundamento necessário da relação entre o discurso e o contexto social anteriormente discutido neste trabalho serão tratados a seguir.

3.1.1 O discurso religioso

Os estudos da Análise Dialógica do Discurso perpassam o campo da metalinguagem, abarcando não só as questões linguísticas na obra, mas também o contexto da obra, do autor, das intenções por trás da obra, entre outras questões. Em *Vidas Secas* (1938) Graciliano trata a linguagem de Fabiano de uma forma bem particular, criando uma voz para os sertanejos desse Nordeste cru e seco, cujas desigualdades sociais se mostram na e pela linguagem. Já nas primeiras páginas é possível ver as marcas de uma linguagem singular dos sujeitos nordestinos, representados por Fabiano:

Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

- Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. [...]

- Anda, excomungado. (RAMOS, 2004, p. 9)

Neste trecho, vemos a utilização de um vocabulário particular, com uma acentuada utilização de termos religiosos, usados cotidianamente no vocabulário popular brasileiro e com grande intensidade no Nordeste em razão da sua cultura acentuadamente religiosa, dado seu contexto histórico colonização/ocupação, tido como uma forma de variação linguística regional.

Acerca da palavra e da evolução social, Bakhtin (2006) diz que as palavras expressam as mudanças sociais mais efêmeras e acumulativas, como no caso acima colocado. A palavra então expõe todas as mudanças e as peculiaridades de um grupo social.

A mudança que podemos observar da fala de Fabiano acima seria de um vocabulário que contém um forte aspecto religioso, com o intuito de repreender seu filho. A palavra expressa por Fabiano é de repreensão com base em questões religiosas, (condenado do diabo, excomungado) refletindo o aspecto religioso no sertão nordestino. Ainda sobre a colocação de Bakhtin (2006, p. 40):

Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a toda as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados.

A quantidade de palavras de cunho religioso no pequeno vocabulário de Fabiano e de outros personagens do romance é reflexo de uma cultura com forte estigma religioso. O Nordeste que conhecemos e o Nordeste de Graciliano Ramos em *Vidas Secas* apresentam o catolicismo com grande espaço no cotidiano dos sujeitos, o que também é retratado em outras obras que se ambientam no Nordeste. Um ótimo exemplo, também, é a peça teatral *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna de 1955. A vasta utilização da religião nas obras fictícias reflete a cultura popular da região que há muito tempo é vastamente influenciada pela religião católica em diversos comportamentos sociais, influenciando fortemente momentos históricos. Exemplo significativo da influência da religiosidade em momentos históricos é a Guerra de Canudos de 1897, movimento de caráter messiânico que lutava contra as desigualdades sociais da região de Canudos, na Bahia, significativamente representado na obra “*Os Sertões*”, de Euclides da Cunha.

Outro trecho que deixa evidente a presença de tais termos religiosos no cotidiano dos sujeitos nordestinos é no capítulo da Baleia, a cachorra da família, que foi sacrificada por Fabiano por suspeitar que estivesse com raiva, o que traria um grande risco aos meninos. Sinhá Vitória ao tentar conter os meninos para não ouvir os disparos contra Baleia, tentou conte-los e tapar-lhes os ouvidos, porém, em certo momento um acaba escapando:

Os meninos começaram a gritar e a espernear. E como sinha Vitória tinha relaxado os músculos, deixou escapar o mais taludo e soltou uma praga:

- Capeta, excomungado. (RAMOS, 2004, p. 86)

Percebe-se novamente, que o termo religioso em questão foi utilizado em um momento de irritação, também observado anteriormente. Já em outro momento, o termo usado foi “*Inferno*”, remetendo à religião e também a um momento colérico, porém o termo foi dito pelo Menino Mais Velho, que repetia a palavra em questão não por raiva, mas por ter a aprendido, em uma conversa de Sinhá Terta:

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. Agora tinha tido a idéia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de sinha Terta. Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. Baleia permaneceria indiferente, mas o irmão se admiraria, invejoso:

- Inferno, inferno.

Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim. (RAMOS, 2004, p. 84)

Neste trecho fica claro que, o Menino Mais Velho, em seu curto vocabulário, e em poucas conversas que presencia, além das de seus pais, conseguiu apreender um vocábulo de ordem religiosa, ainda não sabendo ao certo seu significado, nos demonstrando a forte presença da influência da religião no vocabulário cotidiano regional.

Essa forte religiosidade presente no Nordeste é fruto da colonização que desde a época do Brasil colônia era imposta através das missões dos jesuítas, tornando-se traço formador da nacionalidade. O sincretismo com demais religiões – indígenas e africanas – em consonância com a forte intervenção da Igreja pela extensa quantidade de indígenas foi um forte fator para a presença dessa intensa religiosidade, sendo uma forma utilizada pelos jesuítas para o controle dos povos indígenas que ali viviam, como afirma Boris Fausto (2006, p. 94):

A grande presença de indígenas fez do Norte³ um dos principais campos de atividade missionária das ordens religiosas, com os jesuítas à frente. Estima-se que, em torno de 1740, cerca de 50 mil índios viviam em aldeias jesuítas e franciscanas. Foi importante a ação do Padre Antônio Vieira, que chegou ao Brasil em 1653 como provincial da Ordem dos Jesuítas e desenvolveu intensa pregação no sentido de limitar os abusos cometidos contra os índios.

Logo, isso irá se refletir em variações linguísticas como variações diatópicas⁴ utilizadas cotidianamente pela população, explicando, dessa forma, as falas de Fabiano acima destacadas. Apesar de terem um tom repreensivo ao seu filho, carregam vestígios desse forte aspecto cultural da região, aspecto esse vital até para certa conformidade dos sertanejos com as questões sociais que convivem, como evidencia Pontes (2014, p. 156):

A tradição querigmática católica no Brasil e por extensão no Sertão nordestino, foi pautada para que o evangelizado sentisse o seu espaço a partir de sua realidade, obtendo respostas às dificuldades, assim, a religião influenciou na ordenação de suas vidas, sendo lenitiva para as dificuldades do cotidiano, uma mentalidade mística-sincrética envolvendo elementos da cultura europeia católica com a indígena sul-americana e africana na aceitação do sacerdote como curandeiro.

A religiosidade se torna uma forte característica da cultura do Nordeste por ser a forma com que a população conseguia ter tanto um alento para a gritante pobreza social - consequência da concentração de terras e de demais fatores históricos e políticos – quanto para radicalizar revoltas contra os governos, como foram os casos dos movimentos sócio-religiosos de caráter messiânico que ocorreram em grande parte no sertão nordestino, conforme Sousa (2013, p. 4):

A concentração de terras e o fenômeno das secas reforçam a descrença dos "deserdados" da terra de qualquer saída que não fosse de natureza mítico-religiosa. A fé torna-se a força que mantinha em "pé" os caboclos sertanejos e o elemento que propiciou o seu agrupamento em torno de promessas propagadas por homens como Antônio Conselheiro (Canudos), José Lourenço (Caldeirão), Senhorinho (Pau de Colher) e Roldão (Borboletas Azuis), líderes carismáticos que reanimavam a religiosidade de um povo esquecido pela realidade mundana.

Graciliano Ramos, por sua vez, faz questão de retratar a linguagem rica em expressões de cunho religioso e que faz parte da linguagem cotidiana de grande parte do Nordeste. Vemos então um entrelaçamento entre a fala do discurso social comunicativo e o discurso individual especulativo que é um dos enfoques de autores que trabalham com o dialogismo, como Bernardini (1993) afirma.

3.1.2 O discurso interjetivo de Fabiano

Além da questão acima colocada, sobre a presença acentuada de expressões religiosas no vocabulário nordestino, um outro aspecto da linguagem de Fabiano em diversos trechos é a utilização de interjeições. Usando majoritariamente o "An!" em momentos de nervosismo, como única forma de expressão de sua indignação ou medo:

Seria possível que a água topasse os juazeiros? Se isto acontecesse, a casa seria invadida, os moradores teriam de subir o morro, viver uns dias no morro, como preás.

Suspirava atijando o fogo com o cabo da quenga de coco. Deus não permitiria que sucedesse tal desgraça.

- An!

³ Aqui o termo "Norte" utilizado por Boris Fausto abarca o Norte, região que hoje conhecemos e, também, o Nordeste.

⁴ [...] por variação diatópica (do grego dia = através de; topos = lugar) entendem-se as diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falado em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países. (ILARI, BASSO, 2006 p. 160)

A casa era forte.

- An!

Os esteios de aroeira estavam bem finados no chão duro. Se o rio chegasse ali, derrubaria apenas os torrões que formavam o enchimento das paredes de taipa. Deus protegeria a família.

- An! (RAMOS, 2004, p. 66)

Neste trecho, é observado que Fabiano se expressa pelas interjeições em razão de sua ansiedade em pensar em uma situação que poderia ocorrer caso as chuvas persistem, causando aumento do nível de água. Pode-se interpretar que as interjeições fossem utilizadas por Fabiano como uma forma de expressar além da ansiedade, O medo, por causa das condições sociais vividas, Fabiano não tinha bagagem mínima para comunicar o que lhe afligia, sobrando assim, as interjeições para desabafar:

[...] “-“ Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita.” Mas agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo?

- An!

[...] Havia muitas coisas. Ele não podia explicá-las, mas havia. Fossem perguntar a seu Tomás da bolandeira, que lia livros e sabia onde tinha as ventas. Seu Tomás da bolandeira contaria aquela história. Ele, Fabiano, um bruto, não contava nada. Só queria voltar para junto de sinhá Vitória, deitar-se na cama de varas. Porque vinha, bulir com um homem que só queria descansar? Deviam bulir com outros.

-An!

Estava tudo errado.

- An! (RAMOS, 2004, p. 34)

Já o trecho acima foi retirado do capítulo da cadeia e o uso de interjeições apontam uma forma de expressar a angústia de Fabiano perante a situação que está vivenciando. Por Fabiano não conseguir se expressar tal como seu Tomás da Bolandeira provavelmente conseguiria, restam as interjeições, para externar seu descontentamento. Segundo Cunha e Cintra (2017 p. 605), A “interjeição é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções”. Nesses trechos vemos como a forma de Fabiano lidar com as situações críticas que vive é expressa através das interjeições que representam, também, o grito silencioso de Fabiano.

Fabiano tem consciência dessa sua dificuldade com a fala, como também consciência das causas de sua dificuldade e das injustiças que ocorriam com ele: “[...] Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se de botar as coisas nos seus lugares [...] Se tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos”. (RAMOS, 2004, p. 36).

A consciência demonstra que apesar das condições em que vive, Fabiano tem, sim, discernimento das causas de sua situação e, além disso, detém uma revolta sobre aqueles possíveis responsáveis pela sua situação, no caso o Governo, que no livro – como já analisado anteriormente – é representado pelo soldado Amarelo:

Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava nomes arrevesados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse.. Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas. (RAMOS, 2004, p. 36)

Dessa maneira, a dificuldade de comunicação de Fabiano dificulta sua vivência em uma situação por si só árdua. Seu engessamento linguístico o faz pronunciar e exprimir suas emoções somente por grunhidos ou interjeições. Porém, isso não significa que Fabiano é ingênuo quanto a sua situação comunicacional e as condições que o fizeram ser assim. Fabiano possui uma total consciência que por não ter tido acesso à escola acabou não desenvolvendo uma linguagem robusta – tal como de seu Tomás da Bolandeira. Ele foi criado somente para tratar de bichos, por isso sabia somente lidar com eles. Graciliano Ramos então denota em Fabiano a consciência de sua situação e A isso podemos correlacionar os traços identitários dos sujeitos

nordestinos, em específico os sertanejos. Segundo Graciliano, apesar de toda circunstância em que lhes foi negado o básico, como a educação e conseqüentemente o desenvolvimento crítico, eles ainda sim possuem total discernimento sobre o porquê de suas condições.

3.1.3 O discurso do autor e o discurso da linguagem

A construção de Fabiano por Graciliano Ramos se pauta na problemática da segregação do Estado desses sujeitos nordestinos. O escritor através das falas e do pensamento crítico de Fabiano acerca de sua vivência cria a lógica de exprimir um sujeito que compreenda as causas das injustiças que sofre em sua vida, como já mencionado:

No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluida, variando de acordo com o tempo ou as condições da conduta. No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser. (CANDIDO, 2009, p. 55)

Portanto, a interpretação pode variar diante de diversas situações. A interpretação diante de Fabiano como um sujeito nordestino, na época, envolto no contexto da construção do que é hoje o nordeste, contribuiria para sua criação imagético-discursiva, ou seja, da representação do Homem Nordestino sertanejo e as problemáticas da região. Os problemas do Nordeste que Fabiano traz - negligência do Estado, situação precária dos sertanejos, secas e seus reflexos na população pobre do Nordeste -, até então, não eram do amplo conhecimento dos leitores de demais regiões.

Deste modo, é através da escrita de Graciliano que as questões sociais negligenciadas no Nordeste são trazidas à tona. Essas questões o autor observa através do *seu Nordeste*, no Nordeste em que viveu e que conseguiu representar por meio dos personagens e da linguagem por eles utilizada. Nesse sentido, a abordagem dialógica de Bakhtin trata sobre o dinamismo da linguagem que está envolta e interpelada por demais discursos. Ao trazer essa perspectiva para a obra aqui analisada, as problemáticas sociais exploradas pelo romancista são frutos de uma relação dialógica com a realidade social presente na região, como afirma Macedo (2009, p.4) :

Para o autor, os enunciados, e os gêneros do discurso a que pertencem, são as correias de transmissão que levam a história à sociedade; assinala que a história da língua escrita é marcada tanto pelos gêneros secundários (literário, científicos, ideológicos), como pelos primários (diálogo oral: linguagem familiar, cotidiana, filosófica, dos círculos, etc.)

Portanto, em *Vidas Secas*, além da contextualização social trazida por Graciliano Ramos, como a preocupação com a reflexão crítica sobre a sociedade nordestina, a obra se associa, também, com o momento de “afirmação” da imagem do Nordeste, cuja literatura - como visto anteriormente - contribuiu fortemente para sua construção. Diante disso, a obra por estar imbricada nesse contexto da criação do Nordeste, dialoga diretamente com a imagem do sujeito nordestino e, para isso, consome aspectos da realidade presente. A realidade com a qual Graciliano Ramos, com seu olhar de autor, mobiliza constitui-se de elementos socioculturais e os relaciona com elementos imagéticos, para a construção da obra, como afirma Candido (2009, p. 72):

Em todos esses casos, simplificados para esclarecer, o que se dá é um trabalho criador, em que a memória, a observação e a imaginação se combinam em graus variáveis sob a égide das concepções intelectuais e morais. O próprio autor seria incapaz de determinar a proporção exata de cada elemento, pois esse trabalho se passa em boa parte nas esferas do inconsciente e aflora à consciência sob formas que podem iludir.

É possível relacionar o ponto de vista de Graciliano Ramos com a própria realidade ao analisarmos os dados de analfabetismo na região Nordeste, pelo IBGE (1981). O Instituto começou a fazer a divisão da pesquisa sobre analfabetismo entre regiões a partir do ano de 1981, porém, já nesta época, a diferenciação entre a região Nordeste e demais já era bem acentuada. A taxa de Analfabetismo no Nordeste era de 41% e nas zonas rurais chegava a 57%. Enquanto na região Sudeste, a taxa no mesmo ano era de 15%. É possível inferir que na época da escrita de *Vidas Secas* a situação provavelmente era ainda mais alarmante. Inclusive, até hoje, o IBGE registra taxas de analfabetismo altas no Nordeste, em comparação a outras regiões⁵. Portanto, a questão educacional na época da escrita de *Vidas Secas* foi exposta por Graciliano Ramos através do uso da linguagem dos personagens no romance apresentando relativamente a tais dados, a negligência de políticas públicas com a educação no Nordeste, ao contrário das que se concentraram no Sudeste, como já discutida por nós.

Logo, o discurso do autor nasce da conexão de vários elementos que se conectam tanto com o autor, quanto com sua obra e os objetivos que ele deseja atingir com esta obra. E é através da análise dialógica de Bakhtin que se compreende e se reconhece tal dinamismo do discurso do autor com a realidade, já que o próprio diálogo do eu com o outro é a base para a existência humana e que, por si só, insere-se nos discursos da obra.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi apresentado importantes nuances que circunscrevem a obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, concluindo que a voz de Fabiano, a sua linguagem, pode aparentar ser elementar, porém detém uma complexidade que vislumbra o sujeito Fabiano e suas vicissitudes. É por Fabiano, o bicho-homem de Graciliano Ramos, que o autor elenca elementos que contribuem para o que virá a ser o sujeito nordestino, postulado por movimentos que buscavam a construção do que é o Nordeste e, por conseguinte, seus sujeitos.

A falta de articulação da linguagem de Fabiano, denota o descaso do Estado perante os indivíduos da região, que não tiveram acesso a nenhum direito social. O que lhes restou foi adentrar a caatinga adentro, sem relações interfamiliares; sem acesso à escola e à seguridade alimentar, em busca de algo para sobreviver, assemelhando-se a bichos. Esse distanciamento com elementos sociais faz da família e, principalmente, de Fabiano ainda mais passíveis de sofrerem as injustiças sociais retratadas no livro, como, por exemplo, a violência sofrida por Fabiano pelo Soldado Amarelo, representando diretamente o Estado e, também a incorreção dos valores pelos serviços realizados por parte do patrão de Fabiano no momento do recebimento do salário pelo personagem.

Tais situações deixam nítido que a falta de um adequado desenvolvimento da competência linguística, em conjunto com as questões sociais, as quais os personagens estão inseridos, agravam tais ocorrências. Logo, é através de Fabiano que Graciliano Ramos contribui para a construção de elementos relacionados à

⁵ Em 2022, segundo o IBGE (2022) havia no Brasil 5,6% de pessoas com mais de 15 anos analfabetos. Desse total, 55,3% viviam no Nordeste e 22,1% no Sudeste.

construção da imagem do Nordeste. Não somente o autor utiliza elementos linguísticos para trazer questões culturais da região e características do nordestino, como também elenca os diversos problemas que o Nordeste apresenta.

22

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. O discurso em Dostoiévski. In: _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Forense. 2013

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem** . 12 ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BARROS, Diana Luz Pessoa. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: Diana L. P.; Fiorin, José L. (Orgs.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo, SP: Edusp, 199. p.1-9

BERNARDINI, Aurora Fornoni, Resenhas. **Língua e Literatura**, n 20, p. 159-161, 1992/1993.

CANDIDO, Antonio. A personagem do Romance. In. CANDIDO, Antonio., GOMES, Paulo Emílio Salles., PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. **A personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 51-80.

CAMARGO, Luís Gonçalves Bueno de. **Uma história do romance brasileiro de 30**. Tese (doutorado em de Teoria Literária e História Literária), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2001.

CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7 ed, Rio de Janeiro: Lexikon, 2017. p. 605-607.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo; PERUCCELLI, Tatiane. Cultura e identidade: compreendendo o processo de construção/desconstrução do conceito de identidade cultural. **Cadernos estudos culturais**, Campo Grande, MS, v.2, p.111-133, jul./dez. 2019.

FIORIN, Jose Luiz. Dialogismo. In: FIORIN, Jose Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo, Editora: Contexto, 2018, p.20-64.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. 2 ed. Editora: Editora Contexto, São Paulo, 2012.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores de ensino**: Taxas de analfabetismo da população de 15 anos e mais de idade, por situação de domicílio, segundo as Grandes Regiões e grupos de idade - 1981-1983.

RIO DE JANEIRO: **IBGE, 1985**. Disponível em <
https://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/educacao/1985/educacao1985aeb_50_1.xls> Acesso em: 19 de dez. De 2023

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Taxas de analfabetismo da população segundo as Grandes Regiões**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em <
<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>> Acesso em: 19 de dez. de 2023

JOUVE, V. O sentido em todos os seus estados. In: . **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2012.

MACEDO, W. K. L. de. **Por Saussure e Bakhtin**: concepções sobre língua/linguagem. In: I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: Linguagens e Leituras, III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura, VII Encontro Local do PROLER, 14 a 17 de outubro de 2009, UESC - Ilhéus - BA. Anais do I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: Linguagens e Leituras. Ilhéus: UESC, 2009. p. 1-6.

MARQUES, Ivan. **Para amar Graciliano**: como descobrir e apreciar os aspectos mais inovadores de sua obra. Barueri, São Paulo: Farol editorial, 201723

PONTES, Emilio Tarlis Mendes. **Fé e pragmatismo no sertão**. Merator, Fortaleza, v. 13, n.2, p.155-168, mai/ago. 2014. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/mercator/a/BTQrHWRfjNT4Z3nzdBVPqTk/?format=pdf&lang=pt>>

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 93 ed. Rio, São Paulo: Editora Record, 2004.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**: Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SAUSSURE. Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix. 2006.

SOUSA, Célia Camelo; CARVALHO, Lêda Vasconcelos. **Movimentos socio-religiosos no nordeste do Brasil**: um breve resgate histórico. disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10312/7/6.pdf>> Acessado em 20 de jun. de 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. In: Silva, Tadeu Tomaz (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. c. 2, p. 73-101.